

# “Bolsonaro tem razão”: um parasita intracelular obrigatório

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo feito no grupo de WhatsApp intitulado Direita do Rio Grande do Norte, cujo objetivo foi investigar como as subjetividades desenvolvidas neste aplicativo condicionam o modo de perceber os acontecimentos. Com enfoque no fato de o presidente Jair Bolsonaro se posicionar na contramão das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e não reconhecer a gravidade relativa à pandemia da Covid-19, investiga-se como os seus apoiadores propagam e interpretam essas informações, bem como isso se relaciona com o processo de desinformação e circulação de conteúdos falsos no WhatsApp.

**Palavras-chave:** Desinformação. Fake news. Gabriel Tarde. WhatsApp.

## Bolsonaro tiene razón”: un parásito intracelular obligatorio

**Resumen:** Este artículo presenta un estudio realizado en el grupo de WhatsApp titulado Direita do Rio Grande do Norte, cuyo objetivo era investigar cómo las subjetividades desarrolladas en esta aplicación condicionan la forma de percibir los eventos. Con un enfoque en el hecho de que el presidente Jair Bolsonaro posicionarse en la dirección opuesta de las recomendaciones de la Organización Mundial de la Salud (OMS) y no reconocer la gravedad relacionada con la pandemia de Covid-19, investiga cómo sus partidarios propagan e interpretan esta información, así como se relaciona con el proceso de desinformación y circulación del contenido falso en WhatsApp.

**Palabras clave:** Desinformación. Fake news. Gabriel Tarde. WhatsApp.



Ana Tázia Patricio de Melo  
Cardoso<sup>1</sup>  
Patricia Rilliane Gomes da  
Silva<sup>2</sup>  
Alexsandro Galeno Araújo  
Dantas<sup>3</sup>

1 Doutora e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN. Possui Especialização em Arte-Multimídia pela Universidade do Amazonas e Especialização em Práticas Pedagógicas no Ensino Superior pela Universidade Potiguar. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFRN. Professora de graduação e pós-graduação há mais de 20 anos e pesquisadora do grupo Marginália - Grupo de Pesquisa Transdisciplinar em Cultura, Comunicação e Arte - UFRN, cadastrado no CNPq. Tem publicações (artigos, livro, capítulos de livros, Anais) por editoras nacionais e internacionais.

2 Graduada (2015) e mestre (2019) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é doutoranda e bolsista (CAPES) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Pesquisadora do Grupo Marginália (Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura). Possui interesse pelos temas da Complexidade, comunicação, mídias digitais e movimentos sociais.

3 Possui graduação em Geografia Licenciatura pela Universidade

## “Bolsonaro is right”: a mandatory intracellular parasite

**Abstract:** This article presents a study carried out in a WhatsApp group entitled Direita do Rio Grande do Norte, whose objective was to investigate how the subjectivities developed in this application condition the way of perceiving events. With a focus on the fact that President Jair Bolsonaro stands against the recommendations of the World Health Organization (WHO) and does not recognize the gravity related to the Covid-19 pandemic, the study investigates how his supporters spread and interpret this information, as well as how it is related to the disinformation process and dissemination fake content on WhatsApp.

**Keywords:** Disinformation. Fake news. Gabriel Tarde. WhatsApp.

### 1 Introdução

Em meados de janeiro de 2020, o Brasil foi tomado por uma enxurrada de desinformações acerca de uma nova doença vinda do continente asiático, com muitos casos já notificados na China, a Covid-19. Dessa forma, a pandemia se tornou o foco de todos os suportes de difusão de informação, instaurando um clima de preocupação e, sobretudo, de desorientação, denominado de *infodemia*<sup>4</sup>, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Sob tal enfoque, este estudo toca em uma questão comunicacional de nosso tempo político e midiático: o processo de desinformação e circulação de conteúdos falsos no mundo digital, em especial, no WhatsApp.

Resultado de uma pesquisa mais ampla do grupo Marginália<sup>5</sup>, este artigo objetiva colaborar com o enfrentamento a este sombrio momento de ataque ao conhecimento. Nessa esteira, destacamos o fato de o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (sem partido), posicionar-se na contramão das recomendações da OMS e não reconhecer a gravidade relativa à pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus – uma vez que afirmou ser apenas uma “gripezinha”, contraria o isolamento social e acusa a mídia tradicional de provocar pânico na população, exagerando nas notícias sobre a doença. Assim, pode-se dizer que Bolsonaro é o representante, no Brasil, do que está na moda chamar de pós-verdade.

Com a candidatura do presidente estadunidense Donald Trump, 2016 é apontado como o ano no qual se lançou a era da pós-verdade de forma definitiva (D’ANCONA, 2018). No Brasil, durante as eleições de 2018, os sintomas desse processo ainda eram bem confusos. Diante da sede por informação, nos afogamos

Federal do Rio Grande do Norte (1989), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1996) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo (2015) Atualmente é professor do Instituto Humanitas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Coordenador do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da mesma instituição e Presidente da Cooperativa Cultural Universitária. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia do digital, sociedade e literatura, cultura e complexidade.

4 Trata-se do excesso de informações que dificulta a compreensão e a diferenciação entre o que é confiável ou não.

5 Esse grupo de pesquisa é vinculado a dois programas de pós-graduação da UFRN: Estudos da Mídia e Ciências Sociais. Os pesquisadores que constituem o Grupo de Estudos Marginália têm sua trajetória acadêmica marcada por incursões transdisciplinares desde sua formação até sua atuação em grupos de pesquisa precedentes, que envolveram sempre investigações que buscavam religar cultura, comunicação, arte e filosofia. Uma grande parte dos pesquisadores é originária do Grecom - Grupo de Estudos da Complexidade, criado em 1993, que tem por objetivo desenvolver pesquisas na perspectiva da complexidade.

na corrente torrencial do mar digital, sem condições de explicar e digerir os acontecimentos das eleições presidenciais. Todavia, enquanto pesquisadores, fomos todos desafiados a sustentar os fatos e, principalmente, a defender a legitimidade da narrativa científica, que tremeu na base da pós-verdade.

Nesse processo, o papel do WhatsApp se destacou na abertura de novos possíveis<sup>6</sup>. Sendo uma das plataformas mais usadas (junto com o YouTube, Facebook e o Instagram), é, também, a menos transparente, em termos de mensuração, por sua característica de criptografia das mensagens. Além disso, esse aplicativo estabelece uma conexão desintermediada entre os seus usuários, que, no Brasil, somam mais de 130 milhões<sup>7</sup>, atualmente, com números crescentes<sup>8</sup>. Dito isso, compreende-se que o súbito contágio de desinformações, na verdade, não é tão súbito assim, é sorrateiro e adentra pelos canais obscuros e pouco iluminados das microrrelações, ou, no caso que interessa aqui, do WhatsApp.

Por esse aplicativo, foi possível adaptar, ou inovar, a partir do que Tarde (2005) denomina de agente mais poderoso da imitação, da propagação dos sentimentos, das ideias e dos modos de ação: a conversação. Como pudemos observar na fala do diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, na Conferência de Segurança de Munique: “Não estamos lutando apenas contra uma epidemia; estamos lutando contra uma *infodemia*” – publicada em matéria da Revista ComCiência (CANTO, 2020). Nessa perspectiva, analisamos o grupo de WhatsApp chamado Direita do Rio Grande do Norte, constituído por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro e, conseqüentemente, apoiadores de seu posicionamento quanto à pandemia de Covid-19.

Assim, foi necessário partir, junto com eles, do princípio de que o presidente Jair Bolsonaro é um bom presidente, tão bom que merecia ser chamado de mito, sempre designado como excessivamente sincero e, corajosamente, lutando pelo Brasil. De modo geral, as mensagens apresentam um tom de denúncia, assumindo um viés de indignação e busca de justiça em um país imerso na corrupção e na mentira. Lá, é notório que o mundo se divide em dois: o dos comunistas e da mentira, de um lado, e o dos patriotas com coragem para trazer a verdade, de outro (eles).

Trata-se de uma batalha. Eles, “guerreiros da nação”, são lúcidos. Tomados pelo sentimento moral, estão lutando pelo justo e pelo amor ao país, por isso emocionam-se diante das palavras do presidente. Longe do dissenso, no grupo reina um espírito de harmonia, de “estar do lado certo”. Paz que acaba ao menor sinal de controvérsia, mas, heroicamente, eles estão prontos para defender e salvar os valores cristãos do cidadão de bem e da nação. O “excesso de verdade” do presidente explica o fato de ele estar sozinho e

6 Gabriel Tarde (2003) propõe a reformulação do conceito de mônadas, ou seja, não mais como universos fechados em si mesmos, mas, ao contrário, dando possibilidades de abrir portas e janelas para poder existir uma real comunicação entre elas, num solo de pura imanência. A sua proposta de neomonadologia está na impenetrabilidade das mônadas: elas são exteriores umas às outras, levando a admitir uma vigorosa interpenetração dessas forças heterogêneas que formam o mundo.

7 O WhatsApp tornou-se um aplicativo muito popular pelo mundo, com mais de dois bilhões de usuários ativos atualmente.

8 No Brasil, 79% da população usa internet fixa ou móvel (IBGE, 2019).

sendo atacado. Dessa forma, é preciso estar sempre alerta, porque é uma guerra, e eles estão do lado de “Deus e da verdade contra o comunismo”. Nesse sentido, ter uma opinião se torna um imperativo de pertencimento ao grupo, e essa opinião pode ser sintetizada da seguinte forma: “Bolsonaro tem razão”.

## **2 Metodologia**

A metodologia deste artigo dialoga com a compreensão de que a internet pode ser, ao mesmo tempo, objeto de pesquisa, local de pesquisa e instrumento de pesquisa, ao passo que é aquilo que se estuda, ambiente onde a pesquisa é realizada e pode ser a ferramenta para coleta de dados sobre o tema estudado (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2015). Dito isso, nosso estudo apresenta uma abordagem mista, quantitativa e qualitativa, com foco em dados empíricos, bem como na análise do fenômeno em estudo, por meio de ferramentas computacionais, pois acreditamos que toda uma nova área de trabalho vem sendo construída, no limite de diferentes áreas antes mais divididas (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2018).

### **2.1 Coleta e caracterização de dados**

Os dados foram coletados em um grupo de WhatsApp intitulado Direita do Rio Grande do Norte, no qual entramos por meio de um link de acesso. Usando um smartphone, selecionamos apenas as postagens relacionadas à pandemia de Covid-19, entre os dias 23 de abril e 02 de maio de 2020. Para legitimar os dados, as mensagens foram separadas em categorias (Tabela 1) que faziam referência à pandemia, ou, mesmo que não tratassem diretamente, estavam acompanhadas da seguinte expressão: #nãofiqueemcasa e #Bolsonarotemrazão (Imagem 1(c)), hashtags usadas para expressar contrariedade ao isolamento social recomendado pela OMS no enfrentamento do novo coronavírus.

**Tabela 1:** Distribuição de mensagens por categoria

Texto	Imagens	Áudios	Vídeos	Links
39	63	10	53	87

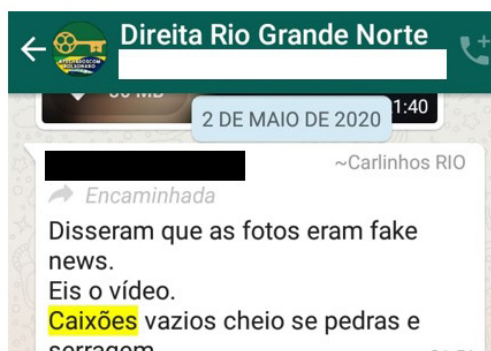
Fonte: autoria própria

9 Os números de telefone dos usuários do grupo foram ocultados para preservar suas identidades.

**Imagem 1:** Fake news dos caixões enterrados vazios no Amazonas



(a)



(b)



(c)

Fonte: Grupo de WhatsApp Direita do Rio Grande do Norte<sup>9</sup>

Na postagem da Imagem 1(a), a intenção foi sugerir que os enterros de pessoas mortas pelo coronavírus são falsos e os caixões são enterrados vazios no Amazonas. Já na postagem da Imagem 1(b), temos um texto e um vídeo que mostram a abertura de um caixão vazio, reforçando a fake news compartilhada, e, na Imagem 1(c), a *#BolsonaroTemRazao* sintetiza o fluxo de ideias retroalimentadas no grupo.

Os textos, áudios, imagens e vídeos, de modo geral, sustentam que a pandemia é usada como meio de gerar pânico na população e, sobretudo, derrubar o governo do presidente Jair Bolsonaro. Eles são corroborados por links, que encaminham para outras páginas na internet com mais textos, vídeos ou imagens alinhados com essa perspectiva (Tabela 2).

**Tabela 2:** Destino dos links (URLs e domínios)

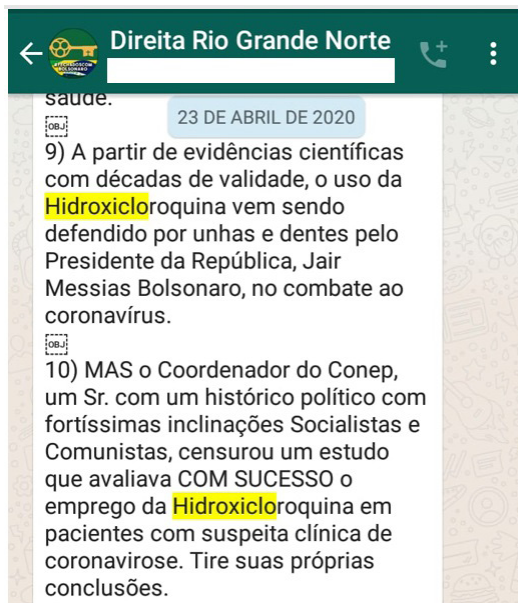
URLs e domínios	Quantidade
Dunapress.org	63
YouTube	15
Facebook	8
Jornaldacidadeonline.com.br	2
TikTok.com	2
Globo.com	2
Jovempan	2
@vidadestra	2
#fechadocombolsonaro	1
GazetadoOeste.com.br	1
TVPampa	1
Congresso em foco – Uol	1
Portal da transparência	1
Wikipédia	1
Twitter	1
Blog Robson Pires	1
Diário Oficial da União	1
Bombeirosdf	1
MBLnews	1

**Fonte:** autoria própria

## 2.2 Natureza política do grupo

Por meio dessas categorias citadas acima, criadas considerando o conteúdo das mensagens com temáticas relacionadas à Covid-19, conseguimos estudar as interações a partir da sua dimensão ideológica e estratégica. Observamos um caráter de experimentação tecnopolítica, ou seja, a pretensão de produzir acontecimentos focados nas sensibilidades, para, então, produzir outros acontecimentos, engendrando um ciclo contínuo que se retroalimenta. Desse modo, torna-se muito difícil apontar diferenças entre o que é *misinformation* e *disinformation*, quer dizer, respectivamente, entre desinformação e um conteúdo deliberadamente falso (Imagem 2), conforme já apontava Wardle (2017).

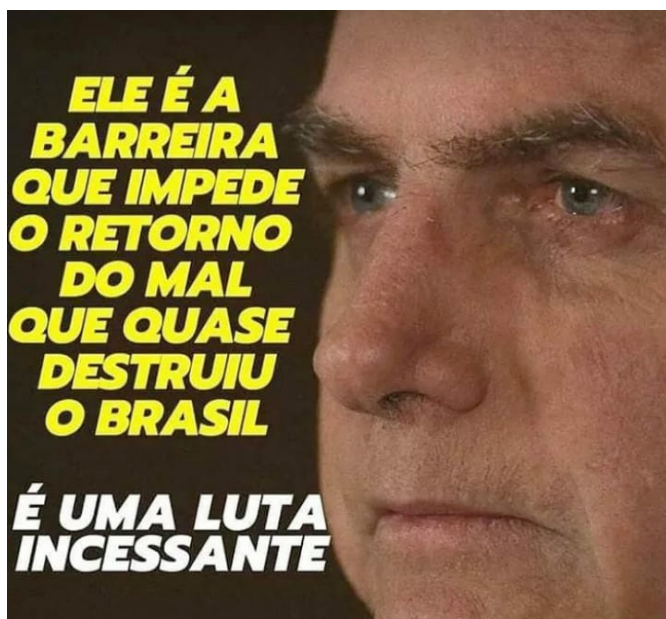
**Imagem 2:** Mensagem ressaltando a eficácia da hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19



Fonte: Grupo de WhatsApp Direita do Rio Grande do Norte

Este fluxo infodêmico – o isolamento social não é eficaz, a hidroxicloroquina é um medicamento viável contra a Covid-19, o número de mortos pela doença é forjado e outras concepções, nesse sentido – compõe um engajamento do tipo afetivo, que aproxima Bolsonaro dos seus seguidores através do sentimento de devoção e admiração (Imagem 3).

**Imagem 3:** Post realçando a admiração e empenho na luta política e ideológica de Bolsonaro

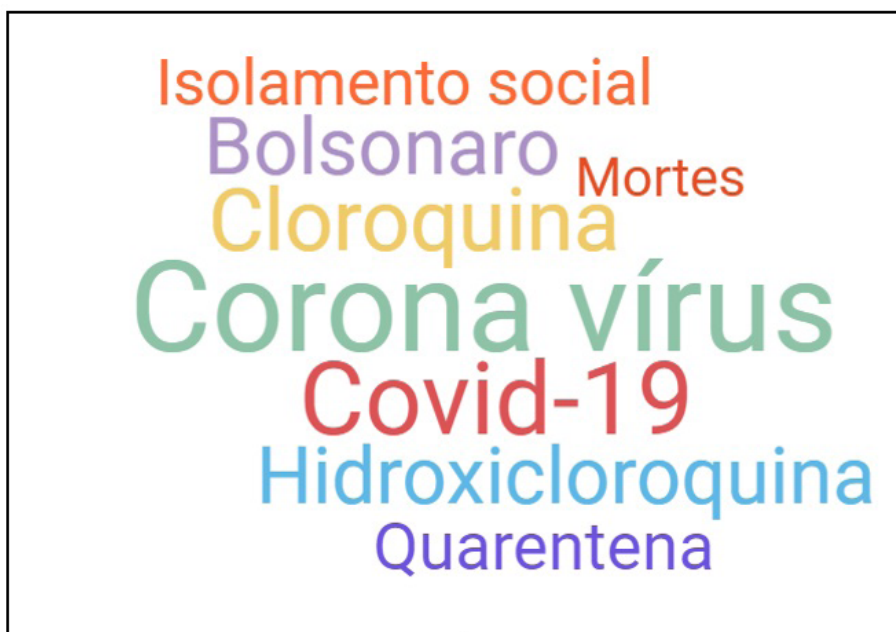


Fonte: Grupo de WhatsApp Direita do Rio Grande do Norte

Fenômeno até bem comum nas comunicações em rede, as micromotivações afetivas são estimuladas diariamente. Uma dinâmica de democratização da informação que se espalha e é percebida na criação de *storytellings* pessoais e de um vocabulário (Figura 1) próprio na corrida por engajamento.

10 A contagem das palavras foi realizada pelas autoras, com base no período de 23 de abril a 02 de maio de 2020

**Figura 1:** *Wordcloud* do vocabulário mais pronunciado pelos usuários do grupo público Direita do Rio Grande do Norte, do WhatsApp, no período de 23 de abril a 02 de maio



**Fonte:** autoria própria (*Wordcloud* desenvolvido com o Infogram)<sup>10</sup>.

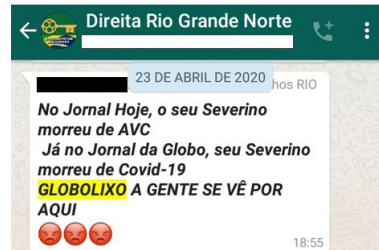
Ressaltamos o empenho desses movimentos-rede em fazerem parte da produção de acontecimentos e de narrativas, uma vez que transversalizam estéticas e discursos voltados para efeitos políticos (CARDOSO, 2018). De forma geral, o grupo monitorado serve para produzir respostas às notícias que foram publicadas pela imprensa, uma espécie de reação, ou resposta, sintetizada na expressão #Globalixo (Imagem 4).



**Imagem 4:** Mensagem demonstrando indignação contra a Rede Globo com relação à pandemia



(a)



(b)

**Fonte:** Grupo de WhatsApp Direita do Rio Grande do Norte

A Imagem 4(a) mostra um repórter da Rede Globo sendo abordado de surpresa, ao vivo, por uma mulher que grita “Globo lixo”, indicando, assim, a rede de contágio de indignação contra a emissora nas ruas. Constatamos vários compartilhamentos dessa expressão no grupo, conforme fica demonstrado na Imagem 4(b). Aqui, nos apropriamos das palavras de Tarde (2005, p. 6-7): “coisa estranha, os homens que assim se empolgam, que transmitem uns aos outros a sugestão vinda de cima, esses homens não se tocam, não se veem: estão sentados, cada um em sua casa, lendo o mesmo jornal, e dispersos num vasto território”.

Basta trocar “lendo o mesmo jornal” por “com um smartphone na mão”, “nos mesmos grupos de WhatsApp” ou “seguindo o presidente Bolsonaro nas redes sociais”, para termos uma surpreendente descrição do grupo Direita do Rio Grande do Norte. É importante salientar ainda que, ao fazer a classificação utilizando o DDD de cada usuário, observamos que o do criador do grupo é de São Paulo. Mesmo com alguns DDDs de outros estados, o grupo foi classificado como local, pois a maioria de seus membros, mais de 50%, era do Rio Grande do Norte.

### 3 Sugestão por proximidade no digital

A sugestão por proximidade física constitui a forma elementar e grosseira de contágio, como explica Gabriel Tarde (2005), mas uma evolução mental e social inerente ao desenvolvimento comunicacional permite um contágio sem contato, puramente abstrato. Logo, sem o contraste abrupto do real materializado, sem esse confronto necessário, desenvolvemos ações e sentimentos que constituem novos paradigmas para o real. Tais paradigmas se mostram inseparáveis das redes cibernéticas que propiciam a comunicação a distância e um engajamento dos indivíduos.

Estão cada um em sua casa ou em outro lugar, fisicamente separados, mas unidos espiritualmente, cuja coesão consiste na convicção de que compartilham a mesma ideia. Nesse aspecto, o universo digital se sobressai. O grupo Direita do Rio Grande do Norte era significativamente alimentado por *links* que direcionam para *blogs* e redes sociais que se articulam justamente para causarem essa sensação de saber ou crer que fazemos parte de um público muito grande. Nesse sentido, as mensagens vêm sempre acompanhadas de “espalhem”, “compartilhem”, “bomba”, etc.

Segundo Tarde (2005), o desinteresse é súbito quando notamos que somos os únicos a ler. Assim, nossa curiosidade se prende à ilusão inconsciente de que nossos sentimentos são comuns a muitos outros espíritos. Notoriamente, o grupo Direita do Rio Grande do Norte é um espaço capaz de criar esse sentimento, não com *likes*, *deslikes* ou quantidade de seguidores, como em outras redes sociais digitais, mas, especialmente, no sentido de repercutir, ecoar, reenviar, refletir, repetir, reproduzir, redizer, reiterar, à medida que se canaliza para outros grupos, ou mesmo no privado.

No referido grupo, basicamente todas as postagens são encaminhadas, ou seja, foram simplesmente propagadas como cópia fiel à forma como foram recebidas. Isso significa que não foram produzidas pelo perfil que publicou lá. Ademais, de 67 participantes, no máximo cinco perfis movimentavam o grupo com postagens, muitas vezes repetidas. As interações mais espontâneas e com mais participação, leia-se, as mensagens não encaminhadas ocorreram, unicamente, diante do menor sinal de dissenso. Uma verdadeira comunhão de ideias, de vínculos sensíveis, pois a sugestão-imitação (TARDE, 2005) de tais ideias não é mais a imprensa tradicional, mas, sim, um conjunto de meios fragmentados.

Basta colocar, minimamente, em questão o meme de sucesso entre os bolsonaristas: “Bolsonaro tem razão”, para esses vínculos se desestabilizarem e iniciarem ataques. Com destaque para a Globo, esses ataques podem ser resumidos na expressão “Globo lixo”, usada repetidas vezes para afirmar que a emissora usa a pandemia de Covid-19 para destruir o presidente, aliás, para afirmar que não há pandemia. Dessa forma, a imprensa mente, forja dados sobre o novo coronavírus e causa pânico na sociedade. Contudo, é importante ressaltar que, para eles, a imprensa não mente porque traz informações que não condizem com a realidade objetiva, em essência; a imprensa mente porque não reitera o “Bolsonaro tem razão”.

#### **4 Um parasita intracelular**

Classificado como parasita intracelular obrigatório, o vírus realiza o que faz de melhor: cópias de si mesmo. Eles só conseguem subsistir e se multiplicar dentro das células de seus hospedeiros. Dito isso, após a invasão, o importante é fazer com que o maquinário da célula infectada passe a usar o material genético viral. Isso é possível porque as células infectadas usam o genoma viral como “receita”, bem como usariam seu próprio DNA para produzir as moléculas que necessitam. Em outras palavras, o vírus, depois de adentrar nas células do hospedeiro, faz com que elas trabalhem para ele (LOPES, 2020).

A chamada *infodemia* segue a mesma lógica. A propagação de uma informação depende da sugestão de imitação ao indivíduo, apropria-se deste, e o usa para reproduzir-se. Nesse processo de contágio, a percepção de que isso é segredo compreende uma dimensão fundamental: o germe. A possibilidade de sermos os primeiros a contar uma novidade a alguém estabelece uma microrrelação poderosa, que se articula transversalmente à noção de público e privado. E, portanto, pode ser o disparo necessário ao mistério do contágio. Este, quando acionado, estabelece uma rede que transporta uma ideia, gestada nas microrrelações.

Ressaltamos que o WhatsApp dá acesso principal aos perfis individualizados, diferentemente de outras plataformas digitais populares, como o Facebook ou Instagram, que oferecem como acesso principal as publicações abertas a todos, e, assim, não pode ser segredo, porque é público, o que causa distanciamento. Neste momento de desinformação e informações falsas, o WhatsApp oferece o meio mais eficiente para ecoar essas mensagens, que recebemos em grupos, como o Direita do Rio Grande do Norte, em outros grupos (sejam de política ou não) ou até mesmo em conversas privadas com amigos e familiares, os quais queremos alertar ou mostrar uma informação bombástica.

#### **5 Desordem informativa**

As reflexões que aqui propomos apontam para um formato de ação comunicativa que vem se manifestando no decorrer da pandemia de Covid-19 (e de outros acontecimentos), por meio da produção e da disseminação de notícias falsas. Tal formato resulta de uma adaptação subjetiva com o WhatsApp. Nela, é possível acessar o indivíduo sem dissolvê-lo em um público, mas, ao mesmo tempo, esse indivíduo desmaterializa-se, no consumo estético do digital em frente a uma tela, de tal modo que é possível observá-lo sem constrangimento, pois ele está experienciando uma informação. Basta observar ao redor para

notar que as pessoas estão tão concentradas no celular que nem mesmo percebem nossa presença.

Essa experiência é chamada de pós-verdade e descrevê-la implica em, também, experimentar o fluxo de sensações, crenças e desejos que influenciam os acontecimentos, nos quais, como descreve Christian Dunker (2017, p. 11), “a verdade é apenas mais uma participante do jogo, sem privilégios ou prerrogativas”. Nessa rede, uma ideia-sugestão, no individual ou no privado do bate-papo, estimula a necessidade de torná-la pública. Há, antes de tudo, a vontade de contar a novidade, de sentir o prazer de ser a primeira pessoa a contar para outra pessoa. Esta, uma vez que já sabe a novidade, precisa contar para quem ainda não sabe. Diferentemente de compartilhar no Facebook, por exemplo, constrói-se uma rede individual, que só se torna social quando se constituiu um público que já sabe, e apenas imita ou compartilha nos grupos digitais ou não digitais.

Dessa forma, um aplicativo de compartilhamento de mensagens como o WhatsApp pode se destacar a partir do protagonismo da desinformação que circula. Há vários fatores que potencializam o avanço das fake news, conforme aponta a pesquisadora britânica Claire Wardle (2017), que está à frente do projeto *First Draft News*<sup>11</sup>, cujo objetivo é combater a circulação de conteúdos intencionalmente falsos na internet. No Brasil, essa ação é realizada em parceria com diversos veículos de comunicação do país, por meio do Projeto Comprova<sup>12</sup>, que, neste momento, se volta a investigar, verificar, publicar e esclarecer rumores e informações enganosas sobre o novo coronavírus.

Para Wardle (2017), a expressão fake news não retrata a complexidade do ecossistema de informação. Muitas imagens são verdadeiras, mas publicadas fora de contexto, portanto, não são exatamente falsas. Além disso, a preocupação dela tem sido com os ataques que a imprensa vem sofrendo globalmente, pois, na maioria das vezes, o público credita as notícias falsas à grande mídia. Nesse aspecto, o presidente Jair Bolsonaro agrava a situação, atacando jornalistas e emissoras – atitude mimetizada por seus seguidores.

Christian Dunker (2017) explica que é como se o politicamente correto, o relativismo cultural e a mistura estética tivessem provocado um tipo de reação em termos de uma demanda de real. Ele se refere a uma forma de retorno aos valores orgânicos inerentes a pequenas comunidades de consenso. Nesse sentido, apresenta-se uma nova expressão cognitiva juntamente com um novo tipo de irracionalismo, que trouxe novamente pautas como terraplanismo, relatividade do aquecimento global, entre outras teorias que se diluem em conversas de escala global facultável pelas redes sociais. Então, crenças estranhas e regressivas encontraram espaço fértil para sua propagação.

11 O projeto First Draft, ligado à Universidade de Harvard, é apoiado por um consórcio de instituições midiáticas, pesquisadores da Unesco, estando entre as principais fontes de combate à desinformação na internet (<https://es.firstdraftnews.org/>).

12 O Projeto Comprova conta com jornalistas de 24 veículos de comunicação e não tem fins lucrativos.

Sabemos que todo esse processo de manipulação informativa não é novo, não é característica particular desse momento de pandemia. Wardle (2017) explica que a *misinformation*, isto é, a desinformação ou falta de informação, sempre existiu e constitui tudo aquilo que compartilhamos no WhatsApp, ou em outras redes sociais, sem saber que é falso. Já a *disinformation* é o conteúdo falso compartilhado intencionalmente. Corroborando ainda com o pensamento de Wardle (2017), temos um campo fértil para que surja todo tipo de desordem informativa, já que o suporte digital disponível facilita o processo com a utilização de propagação algorítmica paga das mensagens e com o uso de perfis robotizados, agindo potencialmente na abertura de novos mundos:

O mundo possível existe, mas não existe mais fora daquilo que o exprime: os slogans, as imagens capturadas por dezenas de câmeras, as palavras que fazem circular aquilo que “acaba de acontecer” nos jornais, na Internet, nos laptops, como um contágio de vírus por todo o planeta. O acontecimento se expressa nas almas, no sentido em que produz uma mudança de sensibilidade (transformação incorporal) que cria uma nova avaliação: a distribuição dos desejos mudou. Vemos agora tudo aquilo que nosso presente tem de intolerável, ao mesmo tempo em que vislumbramos novas possibilidades de vida (são esses os dois sentidos da globalização que a luta fez aparecer) (LAZZARATO, 2006, p. 21).

Lazzarato e Negri (2001) observam a mudança de sensibilidade, o lugar da produção dessa outra subjetividade. Eles identificam o acontecimento como elemento de transformação e de criação de mundos possíveis, mas quais mundos queremos construir? O fluxo de ideias que compõe o grupo Direita do Rio Grande do Norte está comprometido em corroborar o seu meme principal: “Bolsonaro tem razão”. Logo, é um mundo que não tem absolutamente nada a ver com o rigor epistemológico ou a objetividade dos fatos, mas com a necessidade de existir e fazer parte.

## 6 Considerações finais

Nesse período de monitoramento e análise do grupo público Direita do Rio Grande do Norte, observamos o WhatsApp como um mundo de possíveis, cuja porta para todo tipo de desinformação e notícias falsas se propagar está aberta. Em um misto de mentiras camufladas entre notícias, vídeos e imagens construía-se uma percepção dos acontecimentos desconexa da realidade objetiva. Por exemplo, até o fechamento deste artigo (29 de maio de 2020), o Brasil contava com 27.944 vidas perdidas em decorrência da pandemia

do novo coronavírus (Ministério da Saúde)<sup>13</sup>, as quais ainda eram ignoradas e tratadas como falácias da mídia pelo referido grupo.

Na verdade, o genoma viral que orienta as publicações se resume a seguinte ideia: “Bolsonaro tem razão”. Todo o esforço consiste em reforçar essa percepção ou opinião que delinea o grupo, mesmo que isso coloque a vida deles, e até de pessoas que eles amem, em perigo. No espaço virtual, a presença de alguém é delimitada pela opinião. Sem esta, a presença não é sentida. Por isso, a entrada nesse grupo permitiu um tipo de observação não participante, cujo método absoluto consistiu no silêncio, pois, lá, a sensibilidade dos laços reside nos tênues limites da opinião – nesse tipo de contágio sem contato que caracteriza a sociedade atual.

Tal como um vírus, o “Bolsonaro tem razão” depende de um trabalho de reprodução fundamentado no autoengano. O impulso parte dos caprichos ou necessidades de um terceiro, cujo envolvimento começa a ser gestado por meio da ilusão de que as informações estão vindo de um conhecido, amigo ou parente, portanto seriam mais confiáveis do que as informações da imprensa tradicional, considerada ideologicamente contaminada. Para esses usuários, fica fácil, rápido e acolhedor saber de uma notícia que foi validada por pares que se mostram iguais em pensamento e cultura pelo grupo de WhatsApp. Dessa forma, muitos acreditam que seja mais pertinente do que buscar um veículo de comunicação que não é tão instantâneo e cômodo no sentido de compactuar com as suas crenças e seus valores.

Há uma lacuna na alfabetização digital em nosso país e só com o combate aos conteúdos intencionalmente falsos e com educação é que conseguiremos ser mais críticos quanto à qualidade dos conteúdos compartilhados e da melhoria das plataformas digitais. Conforme já apontava Wardle (2017), precisamos ser estratégicos sobre como coletamos os conteúdos que circulam no WhatsApp e a forma que compartilharmos as informações que são ou parecem confiáveis.

Já existem esforços nesse sentido: o movimento *Sleeping Giants Brasil*<sup>14</sup>, por meio do seu perfil no Twitter, por exemplo, tem o objetivo de alertar as empresas sobre propagandas em canais pouco confiáveis e vem conseguindo a adesão de muitas marcas e anunciantes, que retiraram suas publicidades do sistema de mídia programática do Google, o que vem desestabilizando vários sites que propagam notícias falsas ou desinformação.

Por fim, cabe, neste momento, ressaltar o papel da imprensa no combate ao crescente alcance e volume da desinformação e da informação incorreta, disfarçadas como notícias e compartilhadas. Tudo isso ameaça a reputação do jornalismo e tem sérias implicações para jornalistas, mídia e cidadãos (POSETTI; IRETTON, 2019). Seu papel assume enorme importância do ponto de vista civilizatório, uma vez que, em uma *infodemia*, o que está em jogo é a democracia.

13 Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 29 mai. 2020.

14 Disponível em: [https://twitter.com/slpng\\_giants\\_pt](https://twitter.com/slpng_giants_pt). Acesso em: 10 abr. 2020.

## REFERÊNCIAS

CANTO, Karen. **Pandemia de excessos:** avalanche de informações, demandas e angústias. Revista ComCiência. Unicamp: Campinas, 2020. Disponível em: <http://www.comciencia.br/pandemia-de-excessos-avalanche-de-informacoes-demandas-e-angustias-tem-transformado-nossas-vidas/>. Acesso: 15 jun. 2020.

CARDOSO, Ana Tázia Patricio de Melo. **O processo de impeachment de Dilma Rousseff.** Micropolíticas do possível em Gabriel Tarde. Orientador: Alexsandro Galeno Araújo Dantas. 2018. 149f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, 2018. Disponível em: [https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt\\_BR&id=360](https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=360) Acesso em: 1 jun. 2020.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Tradução de Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In:* DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Júlian; TIBURI, Márcia; SAFATLE, Vladimir. **Ética e pós-verdade.** Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 9-41.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

IBGE Educa. **Uso de internet, televisão e celular no Brasil.** Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo.** Tradução de Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial:** formas de vida e produção de subjetividade. Tradução de Mônica Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Reinaldo José. **Como os vírus e as pandemias evoluem.** Rio de Janeiro: Happers Collin, 2020.

POSETTI, Julie; IRETON, Cherilyn. **Jornalismo, fake news &**

**desinformação:** manual para educação e treinamento em jornalismo. Tradução de Sarah Rebouças Reedman. UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 10 mar. 2020.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

TARDE, Gabriel. **As leis da imitação**. Tradução de Carlos Fernandes Maia e Maria Manuela Maia. Porto: Rés, 2000.

\_\_\_\_\_, Gabriel. **A opinião e as massas**. 2. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_, Gabriel. **Monadologia e sociologia**. Tradução de Tiago Themudo. Petrópolis: Vozes, 2003.

WARDLE, Claire. Fake News. It's complicated. **First Draft**. Mar. 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/latest/fake-news-complicated/>. Acesso em: 10 out. 2019

WARDLE, Claire; PIMENTA, Angela; CONTER, Guilherme; DIAS, Nic; BURGOS, Pedro. **Relatório Comprova** – Avaliação do impacto de um projeto de jornalismo colaborativo sobre jornalistas e audiências brasileiros. 2019. Disponível em: [https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/07/comprova\\_PORT\\_web\\_v3.pdf?x89004](https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/07/comprova_PORT_web_v3.pdf?x89004). Acesso em: 3 mar. 2020